



3676 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

A NECESSÁRIA RUPTURA PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL LIBERTÁRIA

Carolina Santos de Miranda - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Emanuella Rachel da Silva Santos - OUTRAS

Gilvaneide Ferreira de Oliveira - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

A sexualidade no contexto escolar é discutida ainda dentro dos padrões disciplinares, sempre ligada a área de saúde. Diante disso, buscamos compreender a prática pedagógica do tratamento da sexualidade no contexto escolar, para isso escolhemos uma escola estadual e seu núcleo de discussão sobre sexualidade, usando a observação participante e entrevista semi-estruturada como técnica para coleta dos dados. Podemos enxergar naquele contexto os elementos da inovação.

A NECESSÁRIA RUPTURA PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL LIBERTÁRIA

RESUMO

A sexualidade no contexto escolar é discutida ainda dentro dos padrões disciplinares, sempre ligada a área de saúde. Diante disso, buscamos compreender a prática pedagógica do tratamento da sexualidade no contexto escolar, para isso escolhemos uma escola estadual e seu núcleo de discussão sobre sexualidade, usando a observação participante e entrevista semi-estruturada como técnica para coleta dos dados. Podemos enxergar naquele contexto os elementos da inovação.

Palavras-chave: Prática pedagógica, mediação, inovação.

Primeiras palavras

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que objetiva compreender a mediação docente e papéis de diferentes atores envolvidos em práticas pedagógicas voltadas para a temática da sexualidade e seus enfrentamentos no âmbito da disciplinaridade.

A sexualidade representa uma temática que nos desafia a romper com barreiras disciplinares, uma vez que sua epistemologia traz contributo do psicológico, do afetivo do sociocultural, do biológico, dentre outros, que nutrem esse tema numa dimensão transdisciplinar. No entanto, nos espaços escolares essa temática vem sendo esquecida, silenciada ou abordada de forma positivista, disciplinar, dicotomizada e reducionista, separando razão e emoção, corpo e alma, ser biológico e social, ignorando a constituição do sujeito como um ser complexo, não dando espaço para que questões e reflexões sejam elementos na construção de crianças, jovens e adultos.

Educar sexualmente no contexto escolar na perspectiva de educação libertária e inovadora

Uma escola para a mediação desafia o professor a assumir um papel diferente daquele detentor e centralizador do saber. Freire (1983) acredita muito no poder que a educação tem de ajudar no processo de humanização do homem, pois ela lida com uma arma poderosa: o conhecimento. E dependendo da forma como ele é trabalhado no ambiente escolar pode levar à mera reprodução ou à libertação.

Elementos como o diálogo, a reflexão, a criticidade, a problematização dos conceitos, são a base de uma prática pedagógica libertadora, que é discutida por Freire (1983) e é dentro desse conceito de educação que supomos uma educação sexual no contexto escolar. Porém a sexualidade ainda é uma temática pouco discutida nas instituições educacionais, por todo o arcabouço histórico, social e cultural que está ao entorno dessa problemática, ainda estamos caminhando nesse processo.

Estudos como o de Salla e Quintana (2002) trazem dados que levam a crer que uma sexualidade escolar pelo viés da transversalidade está longe de ser alcançada, pois os atores que compõem o ambiente escolar ainda pensam a sexualidade de forma cartesiana, influenciando propostas curriculares e práticas pedagógicas no âmbito dos diferentes espaços escolares.

Esse fato nos revela um grande desafio para a formação de professores, o de possibilitar uma mudança paradigmática que favoreça a reconfiguração do fazer docente numa perspectiva libertária e inovadora. A teoria libertadora é de certa forma inovadora (ALMEIDA, 2008), pois propõe uma quebra de paradigma através de uma ruptura com a educação bancária e a construção de um processo educacional para a libertação de sujeitos, porém até os dias atuais ela não consegue ainda romper, mas é coparticipante da instauração da crise, situação essa que está nítida ao nos depararmos com as demandas que tem emergido na sociedade e refletido no contexto escolar.

Diante dessa realidade, a escola precisa repensar suas estruturas, começando a mudar as suas práticas educativas, segundo Bozzato (2014, pg.5) é necessário ter uma "prática pedagógica constante, inquietar a razão e desfazer os hábitos do conhecimento objetivo e saber levar problemas." A começar pelo papel que os atores escolares desenvolvem, o aluno, por exemplo, deve ser ativo no processo de ensino aprendizagem e o professor ser o mediador dessa construção.

Para que a escola entre em um processo inovador é necessário que ela considere a sua realidade, as problemáticas que emergem dela e o contexto social no qual está inserida, além dos sujeitos envolvidos nesse sistema escolar e as relações que eles estabelecem entre si. Segundo Oliveira (2011), a inovação é comprometida com a complexidade, uma vez que essa exige um esforço sistematizado de reflexão sobre a problemática a qual está debruçada. Só assim se poderá identificar o ponto onde se instaurou a crise, pois é na crise que o processo inovador acontece.

Discussão metodológica e análise dos resultados

A pesquisa foi de caráter qualitativo, uma vez que se dedica a investigar a problemática em seu ambiente natural, um ambiente com amplo universo de significados, buscando compreender os processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a apenas algumas variáveis, segundo Minayo (2001).

O contexto empírico desta pesquisa foi uma escola pública do estado de Pernambuco, especificamente no município de Abreu e Lima. Uma escola de porte médio com estrutura física para abrigar diversas turmas que vão do 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio, o que faz com que ela tenha uma quantidade significativa de alunos e professores, os quais chegam carregados de significados que geram diferenças, sendo estas ampliadas pela variável social que interfere fortemente na identidade desses sujeitos, sendo identificada no município como “cidade dos evangélicos”.

Diante desse contexto foi montaram um núcleo de debates para discutir a sexualidade nesse contexto escolar. Criado há 12 anos, periodicamente o núcleo desenvolve rodas de diálogos que partem de questões trazidas pelos próprios alunos e professores participantes numa tentativa de problematizar a sexualidade de forma transversal. Usamos como técnica de coleta a entrevista semi-estruturada e a partir da observação participante com videografias das atividades desenvolvidas pelo núcleo. Os dados foram categorizados e analisados a partir das categorias teóricas e empíricas da pesquisa, trazidas a seguir.

A necessária ruptura epistemológica do professor com os referenciais disciplinares

Nos diversos contextos escolares ainda se tem vivido a disciplinaridade com abordagens fragmentadas e cada professor em sua área conhecimento cada vez mais se distancia de estudos voltados para as situações da realidade que naturalmente e complexa e sistemicamente integrada (NICOLESCU, 2000).

No contexto escolar que investigamos, encontramos muitos professores com vontade de refletir e romper com a lógica disciplinar. Perrenoud (2002) traz como consequência de uma ação reflexiva a indignação e inconformismo com o cotidiano e as certezas, o que leva o sujeito a refletir, agir, mudar.

As docentes **Janaina** e **Jane**, pseudônimos dos sujeitos desse estudo, conseguiram enxergar a crise que estava se instaurando na escola, e nas atividades do núcleo, refletiram em conjunto e agiram, buscando resolver ou melhorar a situação de forma autônoma e libertária, fazendo o possível viável como diz Freire (1996), afirmando que “*é da rebeldia que se produz a revolução e a transformação*”, portanto só mudamos o mundo quando nos permitimos sair da resignação, virando ponto de resistência e estando disposto a lutar por espaços, condições e dias melhores (FREIRE, 1996).

Identificamos na prática pedagógica desses professores esse movimento de libertação. A começar por **Juvenal** que mostrou ser mediador na maioria das observações, principalmente nas rodas de conversa do núcleo de sexualidade. O trecho abaixo mostra como ele inicia o diálogo com os alunos.

Juvenal: Era nova, isso, aqui (mostrando a foto de Joelma) já é o processo dela aos 40 anos porque ela já veio assumir o processo de transexualidade já era muito tarde e aí em algumas perguntas que eu quero que a gente discuta e faça uma reflexão né é com uma única palavra o que você diz sobre essas três imagens que vocês estão vendo. Alguém poderia começar?

Nesse encontro **Juvenal** traz como problemática a vida dos transexuais, ele inicia com imagens de uma transexual que fez história na luta contra a homofobia e a partir disso começa a instigar os alunos para que eles possam refletir sobre a realidade desses sujeitos. Os alunos respondem com criticidade porque o professor soube como mediar e problematizar a questão motivadora da prática que estava desenvolvendo. Podemos encontrar nessa roda de diálogos uma prática libertária, pois o discente era ativo, o docente assumia o lugar de mediador, os conceitos viam em forma de temas geradores e o aprendizado como processo.

Em vários momentos identificamos o uso do diálogo como arma por esses professores com a intensão de atingir seus alunos. Segundo Freire (1983) “*O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronuncia-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] Por isto o diálogo é uma exigência existencial.*” (p. 93). É tão real a presença do diálogo na prática pedagógica desses professores que foi a partir do ouvir que iniciaram o projeto, pois identificaram através da fala dos alunos que eles necessitavam tratar das temáticas de classe social e sexualidade.

Diante desses depoimentos vimos que o projeto traz muitos dos elementos de uma didática inovadora, pois o diálogo e a escuta leva a uma apreensão da realidade, ou seja, contextualizar, trazer o objeto estudado e ligá-lo ao contexto do aluno, o assunto tem que fazer sentido, só assim o educando consegue aprender de forma significativa.

Podemos perceber isso em uma das falas do professor **Juvenal** incentivando os alunos a buscarem resolução para os casos de homofobia que eles conseguem identificar dentro de suas salas:

[...]Je aí eu reuni vocês pra hoje pra esse momento que aconteceu tão importante, que vocês fiquem atento nas salas onde vocês estão inseridos [...] então vocês fiquem atentos na sala de vocês como alunos multiplicadores para dizer assim: “Oh professor tá acontecendo situações na minha sala de homofobia ou lesbofobia ou transfobia em tal sala e aí a gente se reuni para ver o melhor momento de fazer uma intervenção nesse espaço.

Nesses momentos de discussão na vivência dos projetos didáticos, eles são incentivados a refletir criticamente diante das situações e o mais importante que esses momentos de discussão trazem é a tomada de consciência, eles conseguem perceber o movimento perverso que os rodeia e como eles são importantes com toda sua luta e resistência.

Segundo Leite (1996) os projetos podem ser uma arma para a inovação, pois eles possuem em sua proposta pressuposto da inovação, como levar o aluno assumir o papel de ativo, autônomo e investigador, o professor assume o papel de orientador e mediador, o fato de aliar teoria e prática leva a um entendimento mais complexo do conhecimento, fugindo dos padrões disciplinares. Esses elementos todos fogem totalmente do padrão tradicional de educação, produzindo sujeitos críticos e transformando realidades, ou seja, inova, rompendo assim com padrões preestabelecidos.

Últimas palavras

Diante de tudo que discutimos nesse trabalho podemos dizer que esse contexto onde desenvolvemos nossa pesquisa com um corpo docente e discente dispostos a fazer a diferença faz reviver em nós a esperança de dias melhores na educação. Falamos isso por tudo que identificamos ali, professores capazes de refletir sobre sua prática, e, portanto, com autonomia para repensá-la, sendo assim esses docentes seguem dentro de uma prática pedagógica humanista que contempla o sujeito como um todo complexo. Por possuírem esse perfil é que conseguiram ser sensíveis a toda problemática que estava ao entorno daquele contexto e ativos o suficiente para não apenas enxergar, mas tomar uma atitude, sempre com a intenção de promover possibilidades de humanização dos sujeitos. O projeto, portanto, veio com a intenção de fugir das amarras do tradicionalismo e inovar, inserir a sexualidade dentro da escola, da forma que ela deve ser tratada, com liberdade para a libertação.

Referências

ALMEIDA, L. I. M. V. Teoria Freiriana. **Revista Educação e linguagem**, v.2, n.1, 2008.

BOZZATO, C. V. Pedagogia de projetos: (Re) significando o ensino de ciências e biologia em uma escola pública estadual. **X ANPED Sul**, Florianópolis, outubro de 2014.

CORREIA, J.T. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores**. 2ª ed. Rio Tinto/Portugal; editora ASA, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEITE, L. H. A. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. **Presença Pedagógica**, v. 2, n. 8. mar./abr., 1996.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NICOLESCU, B. Um Novo Tipo de Conhecimento – Transdisciplinaridade In **Educação e Transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 2000.

OLIVEIRA, G. F. **O programa Ricardo Ferreira enquanto dispositivo de ação para a inovação pedagógica no âmbito da formação continuada de professores das ciências naturais**. Tese (Doutorado em ciências da educação) Universidade da Madeira, UMA, Portugal, 2011.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: Profissionalização e Razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALLA, Lillian Fenalti; QUINTANA, Alberto Manuel. **A sexualidade enquanto tema transversal: Educadores e suas representações**. Revista do Centro de Educação, n. 19, p.1-6, abr.2002.